

ESTÉTICA AFRODIASPÓRICA COMO LUGAR PARA IMAGINAR E TRANSFORMAR O MUNDO: CINEMA NEGRO E LIBERTAÇÃO

APHRODIASPORIC AESTHETICS AS A PLACE TO IMAGINE AND TRANSFORM THE WORLD: BLACK CINEMA AND LIBERATION

Luís Carlos Ferreira dos Santos

Doutor em Difusão do Conhecimento, mestre em Educação e graduado em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Membro da Rede Africanidades da UFBA e do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi) da UEFS. *E-mail:* lcsantos@uefs.br

Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus

Doutora e mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora associada II do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (Cecult) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Docente permanente do Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas do Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB e do Mestrado Acadêmico em Estudos Interdisciplinares sobre Universidade da UFBA. Líder do Grupo de Pesquisa Formação, currículo e cultura (CNPq-FORCCULT). Tutora do Pet-Acesso, Permanência e Pós-Permanência no Ensino Superior. Membro NEB-Recôncavo/UFRB. *E-mail:* rcdias@ufrb.edu.br

Resumo: O presente artigo analisa a estética afrodiaspórica como lugar para imaginar e transformar o mundo, compreendendo a função pedagógica do Cinema Negro, à luz das filosofias africanas, das epistemologias negras, como espaço-tempo de libertação. Na tripla para alcançar tal objetivo, enfoca o exercício da imaginação (HOOKS, 2020) como uma ferramenta filosófico-política, pois ela produz sentido e direciona à ação. Navegaremos nas derivas da compreensão das filosofias africano-brasileiras articuladas com a Poética do Movimento, por meio dos curtas-metragens *Kbela*, da diretora Yasmin Thayná, e *Sem asas*, de Renata Martins, de modo a entender como o debate sobre a imaginação pode ser um campo de disputa e compreensão da cidadania e do enfrentamento do racismo, com o intuito de provocar o debate sobre a imaginação como possibilidade de construção de uma “outra região do mundo”, assumindo lugares de pertencimento e ampliação de liberdades, como espaços de disputa de sentidos e cidadania.

Palavras-chave: Estética afrodiaspórica. Imaginação. Filosofia africano-brasileira. Epistemologias negras. Cinema Negro.

Abstract: This article analyzes the Aphrodisporic aesthetics as a place to imagine and transform the world, understanding the pedagogical function of Black Cinema, in light of African philosophies, and black epistemologies, as a space-time of liberation. On the path to achieving this goal, we will focus on the exercise of imagination (HOOKS, 2020), as a philosophical-political tool, as it produces meaning and directs action. Through the short films *Kbela*, by director Yasmin Thayná, and *Sem asas*, by Renata Martins, we will navigate the drifts of understanding African-Brazilian philosophies articulated with the Poetics of Movement. With this, we seek to understand how the debate about imagination can be a field of dispute and understanding of citizenship and confrontation of racism. Our intention is to provoke the debate on the imagination as a possibility of building an “another region of the world”, assuming places of belonging and expansion of freedoms, as spaces of a dispute of senses and citizenship.

Keywords: Aphrodisporic aesthetics. Imagination. African-Brazilian philosophy. Black epistemologies. Black Cinema.

INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa a estética afrodiáspórica como lugar para imaginar e transformar o mundo, compreendendo a função pedagógica do Cinema Negro, à luz das filosofias africanas, das epistemologias negras, como espaço-tempo de libertação. Na trilha para alcançar tal objetivo, enfoca o exercício da imaginação (HOOKS, 2020). Segundo bell hooks (2020, p. 105), a imaginação é uma ferramenta filosófico-política, pois ela produz sentido e direciona à ação, “a imaginação é uma das formas mais poderosas de resistência que pessoas oprimidas e exploradas podem usar e usam”.

Navegaremos nas derivas da compreensão das filosofias africano-brasileiras articuladas com a Poética do Movimento, por meio dos curtas-metragens *Kbela*, da diretora Yasmin Thayná, e *Sem asas*, de Renata Martins. Os olhares acerca das peças estéticas possuem o intuito de provocar o debate sobre a imaginação como possibilidade de construção de uma “outra região do mundo”, assumindo lugares de pertencimento e ampliação de liberdades, como espaços de disputa de sentidos e cidadania.

Ao proporcionarmos uma compreensão dos aspectos políticos e poéticos dos filmes, buscamos compreender como o debate sobre a imaginação pode ser um campo de disputa e entendimento da cidadania e do enfrentamento do racismo. Raça é uma categoria que forja as condições de produção de quem vive e quem morre. Ela legitima a condição de viver sob o jugo da morte. Pode-se considerar a raça como abstração que desumaniza os corpos retirados da zona do ser, considerando-o não humano, “isto é, uma espécie de vida que pode ser gasta ou passada sem reservas” (MBEMBE, 2014, p. 70). Achille Mbembe (2014) afirma que pouco importa se a raça não exista como

tal, pois ela continua a produzir os efeitos de violência na sociedade. Portanto, podemos considerar que “O racismo é um imaginário, nesse sentido, mesmo com a crítica e a superação da categoria raça, a violência do racismo é uma prática ainda existente” (SANTOS, 2019, p. 68).

E nesse aspecto prático, a dimensão do sensível produz um efeito muito importante para a crítica e a superação do racismo, tendo em vista que o racismo é um imaginário, uma compreensão concebida.

No campo da formação e da educação antirracista, o Cinema Negro, essa forma de compreender e narrar o vivido, assume a função pedagógica de desenhar novas trilhas de sistematização, produção e difusão do conhecimento que tem por horizonte a libertação.

FILOSOFIA AFRICANO-BRASILEIRA: POR UMA IMAGINAÇÃO EMANCIPATÓRIA

A perspectiva filosófica negro-africana traz, em seu contexto discursivo, uma aproximação de eixos de luta, como o da crítica e superação do racismo. A permanência da estrutura da violência racial é um problema a ser enfrentando pela dimensão filosófica africano-brasileira. O racismo antecede a formação da sociedade brasileira, e, por isso, é de fundamental importância a criação de conceitos antirracistas, bem como o ato de fecundá-los de imaginação, indo assim na contramão do racismo. Portanto, para que se realize a descolonização das mentalidades e dos atos, é importante produzir uma imaginação emancipatória, e a arte – nesse caso, o cinema – tem uma função singular na construção de um mundo concebido com liberdade e beleza.

A paisagem filosófica africano-brasileira ecoa palavras e mobiliza imagens. O “barulhamento” desse espaço e o tremor poético e político desse território ocultam e revelam beleza e dor, e é nesse entrelaçamento que mora a força do filosofar. A paisagem filosófica em questão tem um imperativo: sonhar o mundo é penetrá-lo. Não basta criar o mundo, há que ocupá-lo, povoá-lo de imaginário. Fecundar o mundo de imaginação (NORVAT, 2015).

A filosofia africano-brasileira traz a discussão da descolonização do conhecimento e da liberdade como horizontes de univocidade. A experiência negro-africana, afro-brasileira, vivenciada pelas comunidades quilombolas, as religiões de matrizes africanas e os movimentos negros, interpretados pelos discursos filosóficos negro-africanos, apresentam como ponto comum, desde o seu território: a busca por liberdade. O debate filosófico a partir do horizonte africano e do latino-americano traduz a ampliação dos imaginários, algo imprescindível para a manutenção da partilha do “Todo-o-Mundo”, a possibilidade de conviver com a “imaginação compartilhada” do território brasileiro.

A força política de fecundar o mundo de imaginação percorre a trilha poética de combater a vontade obstinada pelo modelo único e o universal abstrato sem contexto, e essas características são presentes e muito fortes na produção filosófica brasileira. Portanto, a aposta de seguir na trilha da poética da imaginação emancipatória potencializa o movimento, o deslocamento, a crítica à mesmidade, ao modelo de um pensamento que segue na transparência e mata a alteridade do mundo. A imaginação é uma aposta em percorrer o mundo na deriva dos múltiplos barcos. E barcos à deriva do “Todo-o-Mundo”, enraizando-se em “Relação” (GLISSANT, 2009).

A estética, a política e a ética, na compreensão da filosofia africano-brasileira, estão na direção da crítica ao modelo que sustenta a violência e aniquila o diverso. Nesse aspecto, a filosofia africano-brasileira, por uma imaginação emancipatória, segue na trilha da criação de conceitos e na sua fecundação pela imaginação. Criar conceitos é necessário e urgente, todavia, além de criar conceitos, há que fecundá-los com a imaginação. Dessa maneira, não se pensa apenas o mundo, mas se sonha e se escreve esse mundo, vive-se, experimenta-se o mundo e sente-se dele suas fragilidades. Entendemos o Cinema Negro como um instrumento, uma linguagem e tecnologia que mobiliza a experiência de fecundar o mundo, ao partilhar o sensível.

A expressão artística, o Cinema Negro, cria, à luz da imaginação emancipatória que é característica do seu itinerário, uma “nova região do mundo”, como afirma Édouard Glissant (2006). A estética, como a “nova região do mundo”, é a reinvenção do espaço e a reinstalação do tempo, no aqui e agora. Nela a estética surge como um projeto político coletivo (COOMBES, 2018).

A filosofia africano-brasileira na deriva da imaginação emancipatória é um lugar em constante construção, sempre a ser habitado. É um aparato que fecunda e potencializa a vida que foi constituída pelos signos da violência, entre os quais está o racismo, que é uma força contrária aos grupos sociais racializados, é uma ação contra uma comunidade, a exemplo da comunidade negra que sofreu, no percurso histórico, a violência da colonialidade que se transmuta na intenção de perpetuar-se na contemporaneidade.

A estética é um elemento mobilizador para o entendimento da filosofia africana, e sua produção por meio da imaginação emancipatória torna-se um elemento persistente no projeto de construção política dos afrodescendentes. A imaginação é o lugar do enraizamento e da errância na experiência afrodiaspórica.

A chamada “nova região do mundo”, ou seja, a estética, aparece como um projeto político constituído pelo e no coletivo. A estética reconecta-se com o tremor do lugar, possibilitando a diversidade do mundo.

Tendo em vista que o imaginário sociopolítico brasileiro é constituído pelo racismo, defende-se que a disputa pelo povoamento diverso do mundo é uma atitude de

afirmação da vida e das vidas negras, pois, a partir da possibilidade de a estética fecundar a imaginação emancipatória, adentra-se na disputa do imaginário coletivo que é socializado.

A imaginação emancipatória como filosofia africana da libertação busca por meio da estética uma possibilidade de escutar o grito do mundo. É uma paisagem filosófica que intersecciona o político e o estético, o imaginário e o poético, a crítica e o utópico. É o tempo e o espaço construídos na relação.

A força filosófica expressada pela dimensão estética africana amplia a ideia de que a paisagem advinda de uma lógica sensível é uma das saídas para a superação da barbárie, pois é entendida como a revelação do diverso. A política do conhecimento relacionada com a paisagem filosófica africano-brasileira mobiliza uma ação contrária ao poder de matar da lógica instrumental e (in)sensível do racismo.

A filosofia africano-brasileira a partir da imaginação emancipatória promove um olhar crítico às ações reducionistas das civilizações que se anunciam universais, legitimadas pela “herança da Ideia”¹, constituindo a lógica do pensamento racista. O racismo atualiza-se por meio da ideologia e da utopia, duas expressões marcantes do imaginário social. A ação do racismo povoa-se pela concepção da aniquilação da alteridade. A filosofia africano-brasileira como imaginação emancipatória busca conciliar um problema que aparece para toda política: a verdade absoluta sem a relação com o tempo, a paisagem e o lugar.

A filosofia relacionada com as artes – nesse caso, com o Cinema Negro –, isto é, com a imaginação emancipatória, é uma ação de recusa desse movimento de generalizações. É o lugar da recusa de morrer, é um lugar em constante construção, sempre a ser habitado e repovoado. É uma experiência que existe em potência na imaginação, a partir de uma episteme cultural construída pela relação da deriva africana pelo Atlântico. A política da paisagem em torno da filosofia africana inter-relacionada com o Cinema Negro partilha a integração com o diverso.

CINEMA NEGRO

As artes articulam uma política, uma ética e os horizontes de uma determinada experiência cultural. O Cinema Negro – no caso das artes visuais – movimenta em suas esferas a força simbólica e mitopoética na produção de sentidos negro-africanos. O Cinema Negro e a filosofia africana povoam o imaginário a partir da potência da

¹ Essa categoria é problematizada na tese *O poder de matar e a recusa em morrer: filopoética afro-diaspórica como Arquipélago de libertação* (SANTOS, 2019), por meio dos aportes do filósofo Tsenay Serequeberhan, em *Our heirtage: the past in the present of African-American and African Existence* e no artigo “El colonialismo y el colonizado: violencia y contra-violencia”, da coleção *Pensamiento africano*, organizada por Emmanuel Chukwudi Eze.

imaginação, em sua potência como possibilidade de ocupar os espaços e reinventar o mundo.

Nesse aspecto, produzir a invenção de mundos é um exercício de resistência e uma forma de reexistir a partir de um primado de valorização identitária. A invenção tem como possibilidade fazer acontecer a partir da força dos espaços vazios. E a força dos espaços vazios é a potência que precisa ser atualizada a partir da memória. Vanda Machado e Carlos Petrovich (2004) trazem a dimensão de lembrar essa potência. A prevalência do nada é a “matéria-prima da criação divina” (MACHADO; PETROVICH, 2004).

O esvaziamento é a morada da criatividade. O vazio tem o sentido de real. O sentido de vazio é o zen no Oriente, todavia, no Ocidente, é real (SODRÉ, 1988). A verdade tão almejada pela cultura ocidental é resultado de uma unidade, a compreensão de esvaziamento para alcançar a verdade é uma aversão na dinâmica ocidental. Essa discussão do vazio na compreensão oriental, em contraposição à dimensão ocidental, é trabalhada por Muniz Sodré (1988) no livro *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Segundo ele: “A ideia de cultura, hoje, ajusta-se menos à de uma unidade do que à de um ato de esvaziamento ou de quebra da linearidade dos processos de produção e das relações ideológicas, de desvio da verdade” (SODRÉ, 1988, p. 110).

O vazio, o zen produz o sentido. Ele é a criação. A forma do vazio que movimenta outras formas de vidas. O esvaziamento é a mola propulsora do movimento de criação. Os espaços vazios são as manifestações vivas da continuidade do ser humano, pois é compreendido como aquele que tem a potência de mobilizar a diferença ao infinito. Todavia, necessita escutar o eco de si mesmo, encantar-se.

O Cinema Negro e a filosofia africano-brasileira procuram fazer com que os sujeitos envolvidos na experiência estética tenham a capacidade de se comunicar com os seus próprios sonhos. O sonho é o signo que possibilita a relação com a própria força produtiva. E a transparência da vigília foge da necessária relação com a opacidade de si. A transparência é a aniquilação da criatividade. A transparência é o convite ao mesmo e à tradução do mundo por meio de um paradigma. A comprovação do real é uma e totalitária. O eu e o outro são confundidos a partir de uma leitura, em que o modo de compreender do “eu” é aniquilador do “outro”, mesmidade e outridade não se complementam, entram em contraste e polarização.

Tanto o Cinema Negro quanto a filosofia africano-brasileira expressam a força criativa e inventiva dos espaços vazios, dos entrelugares das múltiplas identidades, para materializar a dimensão estética afrodiáspórica como lugar para imaginar e transformar o mundo.

Para realizarmos esse exercício de imaginação e libertação, por meio do Cinema Negro, partiremos da imaginação emancipatória promovida pelos curtas-metragens

Kbela, da diretora Yasmin Thayná, e *Sem asas*, de Renata Martins. Os dois curtas proporcionam uma compreensão dos aspectos políticos e poéticos nos quais estamos imersos, para, por meio dos filmes, compreendermos como o debate da imaginação pode ser um campo de disputa e compreensão da cidadania e enfrentamento do racismo, pois potencializam a dimensão estética como espaço de disputa de sentidos e de cidadania, como lugares para imaginar e transformar o mundo.

Os filósofos e as filósofas africanos e afrodescendentes, assim como os/as cineastas negros/as, estão inscritos no que estamos chamando de guerra dos imaginários.

A diretora do filme *Kbela*, Yasmin Thayná, nasceu em 1992, no município de Nova Iguaçu, localizado na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Ela é cineasta, diretora e fundadora da Afroflix, apresentadora no @canal_futura. É curadora da Festa Literária das Periferias (Flup) e pesquisadora de audiovisual no Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro (ITS-Rio). O filme *Kbela* é uma obra produzida coletivamente por mulheres negras que fala da luta política pelo direito de ser o que se é, sem as intervenções do mercado, da indústria da beleza e do imaginário racista sobre a beleza das mulheres negras.

O filme de Yasmin Thayná nos traz a chave para ler a violência física e simbólica do racismo no condicionamento de uma existência colonizada, isso sendo traduzido pela dimensão estética. No entanto, a chave de leitura forjada na imersão do filme é da existência anticolonial. A estética que mobiliza o curta, e que nos interessa para o texto, não é a plástica, mas a estética que promove a manutenção da existência. É uma existência que se desloca dos contextos histórico, político, econômico, pedagógico e erótico da existência da colonialidade para uma existência anticolonial.

A existência anticolonial articula-se na tentativa de responder à empresa econômica do colonialismo, pois ela é produzida desde uma epistemologia do racismo. E o racismo é uma máquina de produção de subjetividades. O racismo é um imaginário. Ele mobiliza os desejos.

Hooks (2019, p. 212) defende a existência de uma estética da negritude estranha e opositiva: “a estética aqui é mais do que uma filosofia ou teoria da arte e da beleza; é uma maneira de habitar o espaço, um lugar específico, uma maneira de olhar e de se tornar”. Ela fala ainda de uma estética pensada para a fruição do espaço-tempo e das coisas, não como algo a ser tão somente possuído, o que denunciava ser “uma violência antiestética”. Ela sentencia: “devemos entender a beleza como uma força a ser produzida e imaginada [...] para criar um mundo que renovasse o espírito, que o tornasse provedor de vida [...] uma força para reforçar o próprio bem-estar interno” (HOOKS, 2019, p. 213).

De acordo com Frantz Fanon (2005), para combater a violência gerada pelo racismo, é necessária uma violência maior. O colonialismo “é a violência em estado natural, e só pode se inclinar diante de uma violência maior” (FANON, 2005, p. 79).

O curta-metragem *Kbela* oferece uma possibilidade de superação para a existência colonial, uma existência anticolonial. Como afirma Mbembe (2013, p. 54), “é a partir deste conflito entre o poder de matar e a recusa em morrer que se determinam as práticas e as representações”. De acordo com esse autor, assim se explicita a necropolítica como uma política de morte (MBEMBE, 2018). Atrelada a essa discussão, está a questão da raça. O autor discute a raça como enquadramento da produção do alterocídio. Para ele, a raça (ou racismo) é um elemento entendido como uma “efabulação e enclausuramento do espírito”.

No sentido oposto desse enclausuramento e dessa aniquilação do espírito, hooks (2019, p. 214-215) chama a atenção para o fato de que a alegação supremacista branca de que pessoas negras não tinham capacidade de sentir e, portanto, de “mobilizar sensibilidades mais refinadas”, foi contraposta pelos africanos desterrados pela escravidão, justamente por uma “estética baseada na percepção de que a beleza, especialmente a beleza criada em um contexto coletivo, deveria ser um aspecto integrante da vida cotidiana” e prossegue:

A produção cultural e a expressão artística também eram formas de a população africana desterrada se conectar com o passado. Aquilo que foi possível reter culturalmente na arte de matriz africana se manteve vivo bem depois de outras expressões terem se perdido ou serem esquecidas. [...] Esse legado estético histórico se mostrou tão poderosa que o capitalismo de consumo não foi capaz de acabar com a produção artística de comunidades engravadas de classe mais baixa.

A existência anticolonial é uma alternativa para a superação da vida forjada pela lente interpretativa do racismo. O livro *Pele negra, máscaras brancas* (FANON, 2008) traduz o sentido político do filme. A existência anticolonial proposta por *Kbela* é a recusa em morrer (SANTOS, 2019) pela estrutura racista da sociedade. Segundo Santos (2019, p. 64):

Mbembe entende que o biopoder funciona do seguinte modo, a partir da formulação foucaultiana: divide a população entre aqueles que têm de morrer e os que têm de viver. A separação entre aqueles que vivem e morrem é produzida pela distinção da espacialidade e controle dos corpos. O controle e a distribuição dos seres humanos em grupos de “humanidade inferior” têm como fonte o racismo.

Mbembe (2013) entende a raça também como o nome que deve ser dado ao ressentimento amargo, ao irrepreensível desejo de vingança. Isto é, a raiva daqueles que

lutaram contra a sujeição e foram, não raramente, obrigados a sofrer um sem-fim de injúrias, todos os tipos de violações e de humilhações e inúmeras ofensas.

O imaginário do racismo retira os grupos humanos subjugados da partilha comum da humanidade, como pensada desde o pensamento moderno ocidental. A raça, como constituída na modernidade, atuou como uma imagem de muita força na filosofia política moderna, precisamente no exercício do imaginário de desumanização e tiranização das populações fora do espaço ocidentalizado.

Nesse sentido, o poder de matar é a soberania de expor à morte, deixar morrer e fazer morrer. E a recusa a morrer é a abertura da invenção da existência anticolonial, que traz em sua trajetória a partilha comum do mundo: a partilha do “Todo-o-Mundo” (GLISSANT, 2009). “Ora só é ‘pensamento global’ aquele que, na recusa da segregação teórica, se baseia de facto nos arquivos de “todo-mundo” (MBEMBE, 2017, p. 21-22).

A produção da existência colonial atravessa o outro curta-metragem, *Sem asas*, de Renata Martins. Ela é cineasta, educadora, idealizadora do projeto Empoderadas, roteirista colaboradora na #malhaçãovivaadiferença. O filme de Renata Martins problematiza a desumanização do jovem e da criança negra na grande cidade. O jovem Zuri, ao voltar da mercearia, é interrompido pelo perigo que habita a população negra ao fazer atividades banais do cotidiano, como ir à mercearia para fazer compras.

A partir da lógica do sensível, *Sem asas* problematiza o fato de o jovem ter que relacionar-se com a brutalidade humana. Zuri, ao retornar para casa, corre livremente atrás de uma pipa, uma cena que retrata a liberdade, a ludicidade e a imaginação do jovem e da criança de desejar voar. Nessa cena, o jovem Zuri é interpelado pelos policiais. É uma cena muito bem construída pela cineasta Renata Martins. Ela faz a opção de não evidenciar o rosto dos policiais. As vozes dos policiais repercutem sua agressividade física e simbólica. A cineasta, ao optar por não mostrar os policiais, desloca a personalização dos agentes da violência racial, foca a lente no ato racista e com isso causa uma desterritorialização dos algozes. É o racismo que administra a distribuição da morte e contribui para as ações criminosas dos agentes do Estado. Ele opera de maneira fundamental no fazer morrer. A soberania para matar e o direito soberano de deixar viver e fazer morrer, discricionariamente, estão presentes no modo como funciona o Estado moderno.

A violência perpetrada contra o personagem Zuri, isto é, o racismo contra a pessoa negra, é legitimada a partir da construção do imaginário da poética do genocídio; esta é uma das fontes que caracterizam a legitimidade e a permanência da existência colonial. Portanto, é o racismo como imaginário que segue como política de retirada da “partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2009), não existe comum-unidade. A divisão entre grupos que devem morrer e os que devem viver tem como construção o poder do imaginário. De acordo com Mbembe (2017, p. 128):

O direito soberano não está sujeito a nenhum tipo de legalidade nas colônias. Nas colônias, o soberano pode mandar matar a qualquer hora ou de qualquer maneira. O armamento colonial não está sujeito a regras institucionais nem legais. Pelo contrário, o terror colonial entretém-se constantemente com fantasias de barbárie, de morte e ficções, com o intuito de criar o efeito do real.

O imaginário colonialista cria a ideia de um inimigo absoluto, não há o momento de paz na colônia, é apenas terror e horror. O poder de matar atua no sentido de que a afirmação da vida, paradoxalmente, encontra-se com a morte do Outro. E a soberania tem como desejo a morte do inimigo para poder viver. A dinâmica da política da inimizade, a qual tem a necropolítica como fundamento, opera nesse sentido da ficção de um inimigo absoluto (MBEMBE, 2018). E esse inimigo não compartilha do “Todo-o-Mundo”, o mecanismo para a retirada da totalidade mundo dá-se desde o imaginário. A política da inimizade é produzida desde uma poética do terror e do horror.

Seguindo na análise do texto de Mbembe (2017), a vida do escravizado é uma morte em vida. E o escravizado é submetido a uma tripla perda: o lar, o corpo e um estatuto político. Algo assemelhado ao que diz Grada Kilomba (2019, p. 12-13, grifo da autora) quando menciona o fato de que há em determinadas sociedades uma espécie de glorificação da história colonial, assim como noutras há uma *negação* e um sentimento de vergonha e culpa, e sentencia:

Este percurso de consciencialização coletiva, que começa com *negação-culpa-vergonha-reconhecimento-reparação*, não é de forma alguma um percurso moral, mas um percurso de responsabilização. A responsabilidade de criar novas configurações de poder e de conhecimento [...] pois uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas. [...] Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que as muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento.

Mbembe (2017), ao deslocar a categoria da biopolítica para interpretar a política a partir da experiência negro-africana, a partir do sistema de *plantation* e no regime colonial do *apartheid*, encontra a conexão entre o biopoder, o estado de exceção e o estado de sítio. E a raça, mais uma vez, é fundamental nessa relação, pois, nela, dá-se a síntese perfeita da carnificina e da burocracia, uma das construções canibalescas da racionalidade racista ocidental.

FILOSOFIA AFRICANO-BRASILEIRA E CINEMA NEGRO COMO LIBERTAÇÃO: IMAGINAÇÃO EMANCIPATÓRIA

O imaginário da empresa econômica do colonialidade impede o jovem negro/periférico nas grandes cidades de realizar atividades banais do seu cotidiano. O poder de matar dinamiza e atualiza as políticas da inimizade nas/entre as sociedades contemporâneas. Entretanto, diante do poder de matar, da produção da existência colonial, as respostas e o enfrentamento feito pelas populações negras, traduzidas e (re)interpretadas tanto no *Kbela*, na produção da existência anticolonial, quanto no *Sem asas*, com a criação das asas de Zilu, representam a recusa veemente de morrer.

A invenção da existência anticolonial no curta-metragem *Sem asas* é a resposta poética e bela que o filme nos oferece: de maneira abrupta, o jovem é obrigado a criar estratégias para responder à brutalidade do racismo, mantendo em si a integridade da sua identidade, estética e leveza. Portanto, as asas criadas pelo jovem simbolizam a resistência ao poder de matar do racismo.

O Cinema Negro é uma possibilidade de inventar e reinventar caminhos intelectuais e afetivos de enfrentamento criativo e generativo ao racismo e suas tecnologias. A imagem dos corpos negros em movimento potencializa o sentido de resistência e de luta por libertação, característica imemorial e ancestral da experiência da negritude.

A vivência em um lugar que tem seu imaginário dominado pelo projeto racista coloca a imaginação como um dos territórios de contestação, de revolta e de resistência, a exemplo do pensamento revolucionário haitiano (1885-1928), do renascimento negro americano (1903-1918), do Movimento da Négritude, do pan-africanismo, do quilombismo, da filosofia africana, da literatura e dramaturgia afrodescendente, todas ações coletivas contra os projetos de aniquilação do ser-sendo africano e afrodescendente/negro.

A imaginação é a possibilidade da reinvenção do espaço e da reinstalação do tempo, um espaço-tempo de luta e libertação. A imaginação é a potência para essa ação. A imersão dos/as negros/as africanos/as e dos/as negros/as da diáspora na “deriva” do Oceano Atlântico retira a ideia de nação e território, e coloca a imaginação como possibilidade de forjar a própria existência e o pertencimento existencial coletivo. É o lugar da utopia.

Como afirma Derek Walcott: “Agora não tenho nação que não seja a imaginação” (cf. PIZA, 1995). O que nos faz lembrar o poeta que afirma que “território é o que carrego em mim e me transporta para onde nasci” (ONAWALE, 2011, p. 51). A imaginação é então um percurso ontológico em que o ser, em relação, estabelece sentidos da sua existência e experiência, em fluxo contínuo de comunicabilidade com a história, com seu meio social, sua ancestralidade, e, assim, perspectiva o futuro e constrói o presente.

A imaginação é o lugar da criatividade, em que o sonhar é uma potência de força criativa de outros espaços-tempos que superam a política de morte e suas pulsões. Frantz Fanon (2005, p. 69) afirma o seguinte: “Durante a colonização, o colonizado não para de libertar-se entre as nove horas da noite e as seis da manhã”. Fanon (2005, p. 69) defende que os sonhos daqueles que estão condenados da terra são: “sonhos de ação, sonhos agressivos. Sonho que estou saltando, nadando, correndo, escalando. Sonho que estou rindo, atravessando o rio com um passo, que sou perseguido por bandos de carros que nunca me alcançam”.

A imaginação é uma força do espaço vazio que tem a potencialidade de desafiar a morte, a experiência da violência da colonialidade que coloca o negro da diáspora imerso naquilo que Nathalie Etoke (2010, p. 11-12, tradução nossa) cunha de “melancolia africana”:

Em um mundo em que o pensamento está preso a uma linguagem que se esforça por apagar a sensibilidade da existência, como explicar uma experiência de vida subsaariana e afrodiaspórica enraizada no sofrimento de estruturas sociais, econômicas, culturais, políticas e históricas dominadas por relações de poder desiguais? Como examinar o reencontro com o Outro? Como entender uma viagem em direção à liberdade que se realiza pela dor infligida ao corpo, dor que penetra na alma? Descrevendo uma subjetividade em que a autodestruição e a reconstrução se baseiam em experiências traumáticas? Essas questões surgem para aqueles que foram excluídos da família universal. Aqueles que são sequestrados pelo Outro na esfera animal e primitiva. Aqueles que sabem que “o não reconhecimento ou o erro de reconhecimento oprime o sujeito e o tranca em um ser falso, deformado e reduzido no mundo”. Aqueles que parecem condenados a provar sua humanidade através do tempo e do espaço. Aqueles que aprenderam a viver no ventre da morte. Comércio de escravizados. Escravidão. Colonização. Pós-colonização. Melancolia africana [...].

A filósofa Etoke (2010, p. 27, tradução nossa) apresenta uma paisagem que mobiliza uma estética do sofrimento e do infortúnio a partir da melancolia africana:

Estética de infelicidade e sofrimento confrontada com a recusa de morrer, a melancolia africana é um conceito extensível que examina como os subsaarianos e afrodescendentes lidam com a perda, o luto e a sobrevivência em uma prática da vida cotidiana contaminada pelo passado.

O sofrimento causado pelo projeto racista, paradoxalmente, é utilizado como *leitmotiv* para a recusa a morrer. O poder de matar aniquila a força dos espaços vazios. Ele busca tornar tudo transparente, mobilizado por uma única paisagem. Os africanos e afrodescendentes marcados pela experiência da melancolia africana, o “banzo”, renascem dos projetos de aniquilação. Estes os obrigam a se revoltar e resistir para a abertura do mundo, uma vez que o mundo que os espera é de destruição, dor e fraqueza (ETOKE, 2010).

A experiência da vida afrodiaspórica é enraizada em sofrimento que se atualiza em diversos poderes instaurados pela sociedade. É uma violência física e simbólica. “Os condenados da terra” têm na sua jornada a recusa a morrer como possibilidade de engajar e encantar o que está claro. A existência anticolonial criada pela linguagem cinematográfica e pela filosofia negro-africana refere-se às paisagens que inventam formas de vidas no ventre da morte (ETOKE, 2010).

A estética afrodiaspórica como contexto para imaginar e transformar o mundo tem como linguagem e expressão no Cinema Negro e em suas conexões com a filosofia africano-brasileira uma possibilidade de sobreviver pelas próprias forças, diante do sofrimento da política da morte instaurada pelo racismo.

O poeta e filósofo Eduardo Oliveira (2016, p. 107) afirma na poesia “deriva de ancestralidade” que resistência, inconformidade, (des)temor e movimento são ações sempre constantes para aqueles que vivem de posse da morte:

viver de posse da morte
não temer o vidro o corte
o perigo a partida
a novidade
acomodar-se à noite
um porto angústia repouso
partir: um verbo constante
nem vagabundo nem viajante
ancestralmente diz perto
ancestralmente dis-tante.

A lógica mimética do racismo em seu projeto de atualizar a colonialidade na vida do/a negro/a instaura o absurdo do sofrimento e do infortúnio como condição para a produção de outro mundo. Nesse aspecto, a relação no debate entre a filosofia africana e o Cinema Negro, mediado pela potência generativa da imaginação, é uma força criativa para atingir a partilha sensível do mundo.

CONCLUSÕES

Na trincheira da guerra simbólica dos nossos tempos, é imprescindível a disputa entre os imaginários vigentes. Por isso, a relação da filosofia com as artes, em especial com o cinema, no contexto de pensar uma filosofia africano-brasileira e as imagens em movimento a partir da paisagem do Cinema Negro nos possibilitam afirmar que criar conceitos é necessário e urgente, todavia, além de criar conceitos, devemos fecundá-los com a imaginação libertadora e emancipatória. Dessa maneira, não se pensa apenas o mundo, mas se sonha e se escreve o mundo, vive-se, experimenta-se o mundo e sentem-se suas fragilidades. Os filmes *Kbela* e *Sem asas* e as filosofias ora debatidas representam uma imaginação fecundada na disputa por imaginários.

Na guerra dos imaginários, na disputa de quem vive e quem morre, o imaginário cria a realidade e não disputa a verdade, mas o que é vivo. A verdade, nesse aspecto, ganha outros contornos, seria uma “verdade seduzida”, como afirma Muniz Sodré (1988).

A criatividade e a imaginação emancipatória defendida pelos artistas e filósofos não buscam a verdade do todo, pois “nada é verdadeiro, tudo é vivo”² (GLISSANT, 2009, p. 106). O que é vivo mobiliza o ato poético e o ato político. A beleza que falta à vida nos convida para uma viagem e uma mobilização solidária com o mundo, uma solidariedade poética.

E essa ação solidária tem como destino ser o suporte de criação de imagem e de sentidos. O Cinema Negro e a filosofia africano-brasileira representam um projeto de produção de sentidos no/para o Brasil. A disputa pelo território brasileiro passa pela dimensão de reinventá-lo. E a produção de sentidos do Brasil é atravessada pela representação das culturas negras nos campos simbólico, mitopoético, político e das imagens.

Muniz Sodré (1988) apresenta um conceito de cultura enfeitado e sedutor desde a experiência nagô no Brasil: a cultura não teria a lógica de sistemas, de estrutura, mas um sedutor que indetermina. A ancestralidade mobilizada pela cultura da sedução seria engajada para superar a existência colonial, forjando uma existência anticolonial, livre, viva e orgânica, portanto.

O projeto de um Brasil que afirme a vida das pessoas negras, que combata as hierarquias entre as “humanidades” e retrate sua diversidade simbólica e real tem historicamente sua relação direta com as lutas dos movimentos negros. Negros/as em movimento atuam como construtores/as de um espaço-tempo fecundo, preme da imaginação da filosofia africano-brasileira. Nas artes, no Cinema Negro, singularmente, une-se o projeto do cinema e da filosofia, como potências do pensamento de libertação. O Cinema Negro e a filosofia africano-brasileira forjam linguagens, potencializam imagens, difundem vozes, reconfiguram paisagens imaginadas assim para transformar o mundo.

2 No original: “rien n'est vrait tout est vivant”.

REFERÊNCIAS

- COOMBES, S. *Édouard Glissant: a poetics of resistance*. London: Bloomsbury Academic, 2018.
- ETOKE, N. *Melancholia africana: l'indispensable dépassement de la condition noire*. Paris: Éditions du Cygne, 2010.
- FANON, F. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.
- GLISSANT, É. *Une nouvelle région du monde*. Esthétique I. Paris: Éditions Gallimard, 2006.
- GLISSANT, É. *Philosophie de la relation: poésie en étendue*. Paris: Éditions Gallimard, 2009.
- HOOKS, B. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. Tradução Jamile Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.
- HOOKS, B. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
- KBELA. Direção: Yasmin Thayná. Rio de Janeiro, 2015. Curta-metragem. (22 min).
- KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MACHADO, V.; PETROVICH, C. *Irê Ayó: mitos afro-brasileiros*. Salvador: Edufba, 2004.
- MBEMBE, A. *África insubmissa: cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial*. Lisboa: Edições Pedagogo, 2013.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.
- MBEMBE, A. *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.
- MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- NORVAT, M. *Le chant du divers: introduction à la philopoétique d'Édouard Glissant*. Paris: L'Harmattan, 2015.
- OLIVEIRA, D. *Xirê: a brincadeira lírica (um livro de mito-poema)*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016.
- ONAWALE, L. *Kalunga: poemas de um mar sem fim*. Salvador: Edição do autor, 2011.
- PIZA, D. Derek Walcott discute o multiculturalismo. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19 maio 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/5/19/ilustrada/13.html>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental org., Editora 34, 2009.
- SANTOS, L. C. F. dos. *O poder de matar e a recusa em morrer: filopoética afrodiaspórica como arquipélago de libertação*. 2019. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SEM Asas. Direção: Renata Martins. São Paulo: 2019. Curta-metragem. (20 min).

SODRÉ, M. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1988.

Recebido em: abril de 2022.

Aprovado em: setembro de 2022.